

A DIVISÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO NAS PÁGINAS DA *FOLHA DE S. PAULO*

Edvaldo Correa Sotana¹

Línive de Albuquerque Correa²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo central levantar o material jornalístico sobre a divisão do estado de Mato Grosso veiculado nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo* entre 1965 e 1977. Para a realização da pesquisa, consultamos o acervo do periódico disponível na internet. Além disso, com apoio da bibliografia, procuramos pensar a história e a relação do grupo Folha com a ditadura militar brasileira. Com base em pesquisas acadêmicas, também abordamos o surgimento de um ideal separatista no sul de Mato Grosso, a trajetória do movimento favorável à divisão do estado e a decisão tomada pelo general Ernesto Geisel, em 1977, de criar o Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Imprensa, Folha de S. Paulo, Divisão do Estado de Mato Grosso, Política.

ABSTRACT: This article aims to investigate the report on the state of Mato Grosso division published in the journal *Folha de S. Paulo* between 1965 and 1977. For the research, consult the journal collection available on the internet. Moreover, with bibliography of support, we try to think of history and the relationship of the *Folha de S. Paulo* group with the Brazilian military dictatorship. Based on academic research, also approached the emergence of a separatist thought southern Mato Grosso, the trajectory of them favorable movement the state of division and the decision of general Ernesto Geisel in 1977, creating the Mato Grosso do Sul.

Keywords: Press, Folha de S. Paulo, Division of the State of Mato Grosso, Policy

¹ Doutor em História – UNESP/ Assis. Professor Adjunto – Curso de História, Campus de Aquidauana, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). e-mail: sotana.ufms@gmail.com

² Mestranda em História pela UNESP/Assis. Graduada em História, Campus de Aquidauana, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). e-mail: linive-correa@hotmail.com

Existem consistentes estudos sobre a divisão do estado de Mato Grosso. Os trabalhos de Alisolete Antônia dos Santos Weingartner (1995), Marisa Bittar (2009) e Paulo Roberto Cimó Queiroz (2006) são apenas alguns exemplos.

Weingartner abordou a formação histórica do sul de Mato Grosso, o papel político das oligarquias e a trajetória do movimento divisionista. Concebendo a dificuldade de se estudar o movimento divisionista de uma forma linear e estanque, a pesquisadora concluiu:

O divisionismo, na República Velha, manifestou-se, nos primeiros anos, nos ervais e Campos de Vacaria, em oposição aos privilégios da Matte Laranjeira. Após 1920, o desenvolvimento das vilas e das cidades e a presença dos militares na região fizeram com que os divisionistas se juntassem aos militares como forma de obter a divisão do Estado. Foi nessa relação que o movimento divisionista sofreu influência do tenentismo (WEINGARTNER, 1995, p. 80).

Marisa Bittar também situou as raízes históricas da divisão de Mato Grosso no nascimento de um sentimento regionalista (BITTAR, 2009a, p. 61). Conforme a autora, “o regionalismo dos sulistas consiste na causa mais remota da divisão”, sendo que “os sulistas transformaram o seu regionalismo em divisionismo” (Id., *ibid.*, p. 24). Para ela, a trajetória do movimento divisionista teve origem com a constituição de um regionalismo com características muito específicas, ligado à “própria formação histórica do sul de Mato Grosso” e gestado, principalmente, em decorrência da sua “configuração geográfica”, da “formação histórica mais precoce e distinta do núcleo povoador de Cuiabá em relação ao restante do território” e das “quase intransponíveis dificuldades de comunicação”, assim como pelo fato de o “elemento humano do sul não se sentir pertencente ao universo cultural cuiabano” (BITTAR, 2009 b, p. 24). Segundo a autora, o regionalismo sulista

consistia na manifestação e, principalmente, no recrudescimento das características que distinguiam o sul do

centro e do norte: sentimento de pertença; superioridade econômica; e, por fim, disputa pela condição de capital. Apegados a esse rol, em vez de integração, os sulistas transformaram o seu regionalismo em divisionismo (Id., *ibid.*, p. 24).

A pesquisadora avaliou que, no entanto, o sentimento divisionista “nunca chegou a ser consenso nem mesmo entre a classe social que o engendrou: os grandes proprietários de terra”. Além disso, ressaltou que a “secular causa divisionista” se conjugou aos interesses da geopolítica dos militares no período da ditadura. Concluiu, portanto, que a criação de Mato Grosso do Sul “só foi possível porque o regionalismo, finalmente, encontrou respaldo na política nacional” (BITTAR, 2009 b, p. 25-26).

Com intuito de abordar a divisão do estado de Mato Grosso e analisar criticamente a construção de uma “identidade especificamente sul-mato-grossense”, Paulo Roberto Cimó Queiroz observou que a historiografia demarcou o aparecimento de “movimentos rebeldes dos *coronéis* sulistas” já em fins do século XIX, constituídos como um “embrião” de divisionismo ou “separatismo” em relação ao domínio das oligarquias “cuiabanas” ou “nortistas”. Também demonstrou as ações e analisou as ideias dos “divisionistas sulistas” na década de 1930. Lembrou que, em fins de 1932, surgiu a Liga Sul-mato-grossense, responsável pela autoria do *Manifesto aos habitantes do sul de Mato Grosso* (outubro de 1933), do *Manifesto da mocidade do sul de Mato Grosso ao Chefe do Governo Provisório e à Assembléia Constituinte* (janeiro de 1934), bem como de uma *Representação dos sulistas ao Congresso Nacional Constituinte* (aparentemente de março de 1934), acompanhada de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas. Constatou, porém, que foram poucas, descoordenadas e isoladas as ações sulistas com vistas a discutir a divisão do estado depois de 1930, o que não levou ao desaparecimento do regionalismo e das disputas políticas (QUEIROZ, 2006, 149, 155 e 172)

Considerando o interregno, ressaltou o cuidado que os interessados na história do tema devem tomar para não adotar uma perspectiva linear e evolutiva:

Parecem-me especialmente importantes tais referências, pelo fato de desautorizarem quaisquer tendências a se traçar a história do divisionismo como uma linha praticamente contínua, partindo de fins do século XIX, passando pelos *gloriosos* episódios da década de 1930 e culminando triunfalmente na divisão efetivada em 1977. É preciso, ao contrário, explicar a referida *marginalização* da tese divisionista, depois dos anos 30 – e essa explicação se encontra, a meu ver, no fato de a divisão ter sido sempre encarada pelos líderes sulistas, acima de tudo, como um objetivo *tático*, a serviço de uma *estratégia* mais importante e abrangente, isto é, a ascensão ao poder político. A questão principal era, efetivamente, a *luta pelo poder*, como, aliás, transparece já no momento do nascimento do *ideal* divisionista, em meio às lutas coronelistas de fins do século XIX e inícios do XX (QUEIROZ, 2006, p. 173).

Cimó também avaliou a divisão do estado de Mato Grosso como uma “decisão” que partiu “efetivamente do governo central”. Apesar de não descartar a “ação dos líderes sulistas” na sua efetivação, salientou que a divisão ocorreu “à revelia da população tanto do Sul quanto do ‘Norte’” (QUEIROZ, 2006, p. 178).

Deve-se observar, igualmente, que a população envolvida não foi consultada a respeito da divisão. Se não foram intensas as “manifestações populares” que antecederam e apoiaram a sua criação, também não existiram manifestações dos opositores. A pesquisadora Marisa Bittar assim sintetizou a situação: “as duas regiões aceitaram o ato consumado”(BITTAR, 2009 a, p. 431-432).

De outubro de 1977 até janeiro de 1979, o Mato Grosso do Sul não tinha governo próprio, permanecendo administrado por Cuiabá, sob o governo de José Garcia Neto. Em 1º de janeiro de 1979, tomou posse seu primeiro governador, Harry Amorim Costa.

Se, por um lado, existem consistentes estudos dedicados ao movimento divisionista, à divisão do estado do Mato Grosso e à posterior criação do estado de Mato Grosso do Sul, por outro lado, poucos trabalhos foram integralmente dedicados à pesquisa ou apresentação de sólidos dados e elementos históricos sobre a atuação política da imprensa e o noticiário veiculado nas páginas impressas acerca do tema.

Com o intuito de investigar o movimento divisionista no sul de Mato Grosso, no período compreendido entre 1889 e 1930, Weingartner (1995, p. 53-65) pouco abordou o material veiculado pelos órgãos impressos. Forneceu informações sobre *A Reacção*, jornal fundado por Genoroso Ponce, em Assunção, Paraguai, cidade em que este se encontrava exilado em decorrência de violenta repressão promovida, à época, pelas oligarquias Totó Paes/Murtinho. Indicou que o jornal fazia “oposição ao governo”, sem, no entanto, explicitar sua atuação visando à divisão do estado. Também registrou o papel do jornal *A Capital*, periódico editado em Cuiabá e que, nos anos 1920, criticava a propaganda realizada pelo movimento divisionista, tomando-o como “subversivo”. Apontou ainda as atuações de Luiz da Costa Gomes e de João Tessitore Júnior, respectivamente, nos jornais *A Tribuna* e *Tribuna do Povo*, para propagarem o movimento tenentista de 1924 e, em formato de boletins, divulgarem “ideias divisionistas” para os leitores da cidade de Aquidauana.

Ainda que brevemente, também Bittar (2009 a, p. 18 e 25) abordou o tema. Sugeriu que o *Correio do Estado*, periódico costumeiramente posicionado próximo dos “grupos políticos hegemônicos” locais, atuou, durante a década de 1970, como um partido político em defesa da divisão do Mato Grosso.

Já Mário Luiz Fernandes e Danusa Santana Andrade (2013) analisaram as manchetes de capa veiculadas pelo jornal *Correio do Estado*, durante o processo de divisão de Mato Grosso e posterior criação de Mato Grosso do Sul. Ancorados em recursos metodológicos da semiologia, pesquisaram as manchetes publicadas entre 1974 e 1977, observando que o periódico “dedicou espaço nobre e expressivo para o debate sobre a divisão do Estado de Mato Grosso”. Localizaram sessenta e cinco manchetes e chamadas de capa sobre a temática, assim distribuídas: quatro em 1974, oito em 1975, quatro em 1976 e quarenta e nove em 1977.

Apesar de considerarmos relevante trabalhar com jornais produzidos no Mato Grosso, especialmente na região sul do estado, nossa pretensão foi levantar o material jornalístico sobre a divisão do estado veiculado pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre 1965 e 1977.

As relações comerciais, econômicas e culturais entre São Paulo e o sul de Mato Grosso levaram à escolha da referida fonte de pesquisa. Além disso, optamos por trabalhar com um periódico produzido fora de Mato Grosso para obter registros jornalísticos editados por agentes que não estavam diretamente imbricados na contenda política local. Ademais, o matutino paulista foi escolhido por ter circulação nacional, com expressiva tiragem e vendagem em outras praças.

Também consideramos necessário indicar brevemente aspectos da orientação teórico-metodológica da nossa pesquisa. Entendemos que um jornal exerce papel fundamental na transcrição e produção de acontecimentos políticos (RIOUX, 1999, p. 122-123), fabricando produtos políticos que engendram representações sobre o mundo social. Possui instrumentos para gerar programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos (BOURDIEU, 2000, p. 170). Além disso, um jornal não deve ser tomado como veículo imparcial e neutro, que se isola da realidade político e social em que está inserido para a transmissão de informação ao público leitor (CAPELATO; PRADO, 1980). Na produção e veiculação de representações sobre a divisão do Estado de Mato Grosso e a criação de Mato Grosso do Sul, a *Folha de S. Paulo* concorria com outros periódicos, utilizando mecanismos para impor ou tentar impor concepções de mundo social e os valores que são seus (CHARTIER, 1990, p. 17).

Apesar dos limites do nosso texto, chamamos a atenção do pesquisador para a necessidade de atentar para a historicidade dos meios de comunicação social. Ao tratarmos da mídia em geral, de uma empresa midiática ou de um produto midiático específico, não devemos descuidar das “inter-relações entre o mundo da comunicação social e as demais esferas sociais específicas que constituem a sociedade” e nem tampouco da historicidade das práticas e expedientes midiáticos (BUSETTO, 2008, p. 11).

A *Folha de S. Paulo*

O surgimento da empresa Folha remonta à década de 1920. A *Folha da Manhã* surgiu em 1925 como um desdobramento matutino da *Folha da Noite*, de 1921. Inicialmente, apresentou alguns “toques antioligárquicos”, característica rapidamente superada em função da oposição à Aliança Liberal. Com o fim do Estado Novo, o jornal passou por profundas transformações, apresentando-se como um jornal liberal e democrático que defendia a livre iniciativa, a propriedade privada e o direito à liberdade de opinião (TASCHNER, 1992, p. 44-70).

Em 1949 foi criada a *Folha da Tarde*, periódico vespertino que circulou nos dez anos seguintes. Nas décadas de 1940 e 1950, os jornais passaram por intensas mudanças sob a batuta de Nabantino Ramos. Dentre as modificações, Ramos modernizou as oficinas, racionalizou o trabalho, reestruturou a administração da empresa, sobretudo com a definição de cargos e a delimitação de funções, assim como definiu normas e princípios para a produção do texto jornalístico no documento intitulado *Programa de Ação das Folhas* (1948) (MOTA; CAPELATO, 1981, p. 114-115).

Na década de 1960, os jornais foram unificados com o título *Folha de S. Paulo*. Em 1962 a empresa foi adquirida pela dupla Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Os novos proprietários procuraram sanear as dívidas, promoveram a reorganização financeiro-administrativa da empresa e lançaram “as bases” para a modificação tecnológica do seu parque gráfico. Adquiriram máquinas *offset* em cores e transformaram seu sistema de distribuição, ampliando a frota de veículos e estabelecendo linhas para realizar mais rapidamente a distribuição do seu produto para as praças do interior (Id., *ibid.*, p. 198-199).

O período Frias-Caldeira também foi marcado pela constituição de um conglomerado da indústria cultural. Além da aquisição dos títulos *Última Hora* e *Notícias Populares*, comprados, respectivamente, em 1964 e 1965, devido à crise econômica que enfrentavam no início dos anos 1960, a Folha assumiu, em 1968, o controle da Fundação Cásper Líbero (TASCHNER, 1992, p.151). Conforme Taschner (1992, p. 146), “através de uma estratégia de expansão, via aquisição de empresas em má situação financeira, em cerca de três anos

Frias e Caldeira passaram a dispor de nada menos do que duas gráficas e três jornais, em São Paulo”.

“Revolução tecnológica” e formação de um conglomerado jornalístico não devem, entretanto, figurar como as únicas características do grupo Folha durante a ditadura militar, principalmente se considerarmos a gama de publicações com diferentes orientações editoriais e voltadas para públicos diversos que Frias e Caldeira possuíam no período. Como sugeriu Beatriz Kushnir ao analisar o percurso da *Folha da Tarde*, vespertino reeditado após 1967, visando fazer frente ao *Jornal da Tarde* (editado pelo grupo *O Estado de S. Paulo*), o “período entre 1968 e 1974 esteve longe de ser apenas um instante de transformações tecnológicas” para o grupo Folha. Centrado na relação entre jornalistas e censores de 1968 até 1988, seu estudo demonstrou a colaboração do grupo Folha com “o sistema autoritário implementado naquele período” e indicou a “existência de jornalistas que foram censores federais, e que também foram policiais enquanto jornalistas nas redações.” Para Kushnir, este jornal pode ser considerado um claro exemplo de “colaboracionismo”, tanto de seus jornalistas quanto dos seus proprietários, com a ditadura (KUSHNIR, 2001, p. 24, 230, 241-212).

Afora a *Folha da Tarde* ter ficado conhecida como o “jornal de maior tiragem do país” – referência ao número de “tiras” que trabalhavam na redação – e “diário oficial” da Operação Bandeirantes (OBAN)(KUSHNIR, 2001), o grupo Folha também foi acusado de fornecer carros oficiais para o uso dos centros de tortura, adotar linha editorial favorável aos militares e receber financiamento do governo (PIRES, 2008, p. 18).

Além disso, é preciso lembrar que a *Folha de S. Paulo* apoiou o golpe civil-militar de 1964.³ Assim como *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, deixou claro seu apoio editorial ao golpe e às primeiras medidas

³ Devemos considerar ainda a atuação da empresa na década de 1980, visando construir determinada memória sobre sua atuação durante a ditadura militar, e a tentativa de forjar uma auto-imagem da *Folha* como jornal democrático e independente que lutou pela redemocratização do país. Para mais informações, consultar: PIRES (2008).

repressivas, tidas como “necessárias para consolidar a nova ordem” (MOTTA, 2013, p. 67).

Como outros periódicos, a *Folha* passou a se distanciar do ideário e das práticas do regime militar após 1974 sem, contudo, fazer oposição ferrenha aos militares.

Por convicção e por interesse, as empresas jornalísticas são favoráveis à liberdade de manifestação, notadamente quando as restrições atingem-nas também. Por isso, quando o regime militar adotou medidas para cercear a imprensa e agrediu os valores liberais tradicionais (opinião, manifestação, garantias individuais), a maioria dos veículos jornalísticos se mostrou descontente (MOTTA, 2013, p. 85).

No entanto, Motta (2013, p. 85) concluiu: “se é verdade que a imprensa não apoiou integralmente o projeto ditatorial, salvo nos primeiros meses após o Golpe, também não lhe fez oposição frontal”, tampouco “se dispôs a enfrentar o regime, exceto *Última Hora* e *Correio da Manhã*”. Conforme o pesquisador, a maioria dos jornais se acomodou “à situação política, comportamento, aliás, comum na nossa cultura política”.

A *Folha de S. Paulo* e a divisão do estado do Mato Grosso

A pesquisa no “Acervo Folha”, disponível na página da empresa *Folha de S. Paulo*, foi realizada com base nas expressões “Mato Grosso” e “Mato Grosso do Sul” no espaço destinado à busca, no período compreendido entre 1965 e 1977. Inicialmente, encontramos 1.370 páginas. A maioria, porém, não tratava do objeto abordado em nosso estudo. Do montante, algumas páginas continham ruas ou avenidas denominadas Mato Grosso e matérias com informações turísticas do estado ou de colunismo social sobre personalidades da região. Por isso, inicialmente selecionamos 180 matérias jornalísticas para redação do trabalho por abordarem: a) a divisão do Mato Grosso; b) a criação do Mato Grosso do Sul; c) os desdobramentos da questão divisionista (não discutidas no estudo).

Dados oficiais de 1974 e 1975 trazem informações sobre a realização de estudos geopolíticos para a criação de um novo estado, comandados pelo general Golbery do Couto e Silva e consubstanciados na Lei Complementar nº20, de 1º de julho de 1974, sobre a criação de estados e territórios, sancionada pelo presidente Geisel (BRASIL, 1977). A *Folha*, porém, mencionou a possibilidade da divisão de Mato Grosso já em 15 de junho de 1965, em nota presente na página 06 do primeiro caderno, sob o título *Elementos do Código Penal no ginásio*.⁴O texto se referiu ao projeto elaborado pelo petebista Eurico de Oliveira, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, autorizando “o Poder Executivo a estabelecer a divisão dos Estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso, respectivamente em Amazonas do Norte e Amazonas do Sul; Alto Pará e Baixo Pará; Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul”.⁵

Em janeiro de 1966 foi publicada a notícia intitulada *AL discutirá divisão de Mato Grosso*.⁶ Nela, Edison Garcia, então deputado federal pelo estado de Mato Grosso, informava que, a partir de 15 de janeiro de 1966, a Assembleia Legislativa mato-grossense passaria a discutir a divisão do estado em dois: Mato Grosso do Norte e Mato Grosso do Sul.

Em abril de 1968, no caderno denominado “Suplemento Especial”, a *Folha* veiculou um conjunto de reportagens sob o título *Mato Grosso: muita terra e pouca gente*, integrante da série “Realidade Brasileira: Centro-Oeste”. Com 23 páginas, o tema foi dividido em seis subtítulos: 1. *Tão grande quanto rico*; 2. *Pecuária, escalada do progresso*; 3. *A rodovia e o desenvolvimento de Mato Grosso*; 4. *Tamanho é problema? (Divisão do Estado: solução que muitos defendem)*; 5. *Conflito entre passado e o futuro*; 6. *Um Estado com três Capitais*. Numa espécie de introdução, o jornal apresentou a região sul de Mato Grosso como tendo a sua ocupação populacional mais bem distribuída, padrão de desenvolvimento econômico mais elevado e uma economia dinâmica, “em franco processo de consolidação, com a industrialização rompendo a

⁴Folha de S. Paulo, 15 jun. 1965, p. 06.

⁵Folha de S. Paulo, 15 jun. 1965, p. 06.

⁶Folha de S. Paulo, 15 jan. 1966, p. 05.

hegemonia agropecuária”, fatos que se deviam, segundo o periódico, à “benéfica” influência de São Paulo e Minas Gerais sobre a região. O suplemento também apresentou a cidade de Campo Grande como “centro de irradiação do progresso em vasta área de Mato Grosso”, enquanto ao norte coube a alcunha de “incorporado ao vazio amazônico”, constituindo-se “num desafio ao pioneirismo”.⁷

Entre janeiro de 1975 e dezembro de 1977, localizamos 100 matérias. Além do conteúdo, atentamos “para o destaque conferido ao tema, assim como para o local em que se deu a publicação”, pois o material que figura numa capa, como uma manchete, tem um peso muito diferente da notícia apresentada somente nas páginas internas de um jornal. Além disso, outra hierarquia também confere importância ao publicável, qual seja: a seção de veiculação do material no jornal. Como exemplo, podemos ressaltar que publicar na seção “nacional” confere maior visibilidade do que na intitulada “interior” (LUCA, 2005, p. 140).

Dentre as 100 matérias publicadas, apenas três não foram veiculadas no “primeiro caderno”, definido pelo próprio jornal como locus de dedicação “à vida política, institucional e aos movimentos sociais.” Segundo a *Folha de S. Paulo*, o espaço “procura oferecer ao leitor informações pluralistas e apartidárias,” sendo também “um instrumento fundamental para os formadores de opinião” por conter “análises sobre os últimos acontecimentos” e fornecer condições para que o leitor exerça sua cidadania.⁸

Percebemos que quase todas as matérias foram publicadas em 1977 e veiculadas no primeiro caderno, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição de notícias no primeiro caderno da *Folha de S. Paulo* – 01 janeiro a 31 de dezembro de 1977

LOCAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Nacional	61	65%

⁷Folha de S. Paulo, 21 abr. 1968, p.19-42.

⁸Folha de S. Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/cadernos_diarios.shtml>. Acesso em: 25 nov. 2013.

Opinião	14	15%
Interior	08	8,5%
Primeira página	05	5,3%
Análise/Tendências	04	4,2%
Economia	01	1%
Folhinha	01	1%
Total de notícias no 1º caderno	94	100%

Nas décadas de 1970 e 1980, a primeira página da *Folha de S. Paulo* apresenta-se “como aquela para a qual convergiam todos os outros assuntos das demais seções do jornal”, funcionando como vitrine da publicação ao enfatizar determinados temas e questões (SOTANA, 2010, p. 18). No período pesquisado, o tema da divisão do estado do Mato Grosso ganhou destaque na primeira página por cinco vezes: *Mato Grosso dividido*⁹, *Campo Grande confia em sua riqueza*¹⁰, *Geisel assina a divisão de Mato Grosso*¹¹, *Divisão de Mato Grosso ainda esta semana*¹² e *Criado o Estado de MT do Sul*¹³.

Nas páginas analisadas foi possível verificar predominância de reportagens produzidas por correspondentes, sobretudo cuiabanos, mas também da sucursal de Brasília. Assim sendo, a *Folha de S. Paulo* incorporou tais publicações e ratificou toda uma conjuntura de interesses políticos e econômicos, corroborando o fato de que “os jornais não devem ser tomados como veículos imparciais e neutros, que se isolam da realidade político e social em que estão inseridos para a transmissão de informação ao público leitor” (SOTANA, 2010, p. 22-23). As notícias estão sempre a “serviço de”, cabendo ao leitor e também ao pesquisador investigar a quem e a quais interesses elas servem.

Sob o título *Mato Grosso dividido*, ladeado pela foto do então governador Garcia Neto e pelo novo mapa da região, apresentando a divisão dos territórios, foi divulgada “oficialmente”, já em 04 de maio de 1977, a criação do estado de Campo Grande (nome que se especulava à época) e a atitude da

⁹ Folha de S. Paulo, 04 maio 1977.

¹⁰ Folha de S. Paulo, 08 maio 1977.

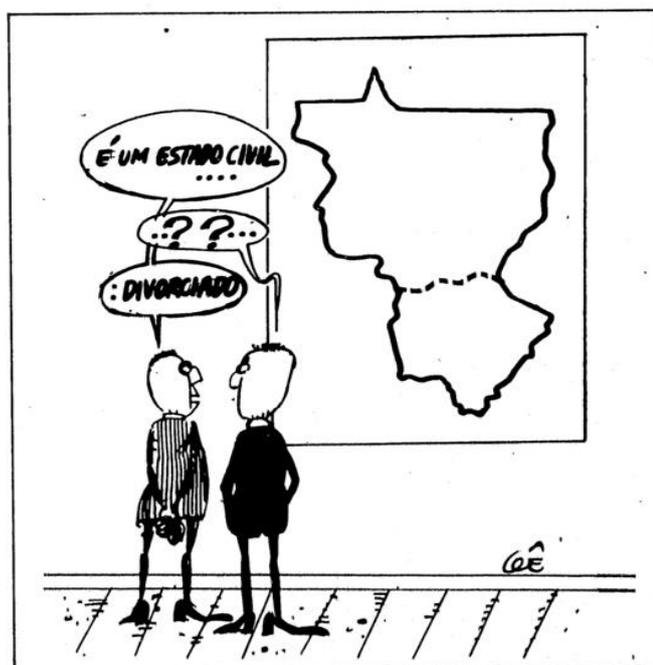
¹¹ Folha de S. Paulo, 25 ago. 1977.

¹² Folha de S. Paulo, 12 set. 1977.

¹³ Folha de S. Paulo, 12 out. 1977.

população campo-grandense que saiu às ruas “manifestando sua alegria e improvisando um grande carnaval”.¹⁴

Durante toda a pesquisa, localizamos somente uma charge:



Fonte: Folha de S. Paulo, 08 maio 1977, p. 02

Esta charge foi veiculada no centro da segunda página da seção “Opinião”, no primeiro caderno, sem ser, porém, acompanhada por notícias complementares ou referenciada por legenda. Afora a divisão do estado do Mato Grosso, a ilustração também pretendia fazer menção à “Lei do Divórcio”, discutida no período e sancionada em dezembro de 1977. Seu conteúdo pode ser associado à declaração feita pelo então arcebispo de Cuiabá, Dom Bonifácio Piccinini, durante procissão na cidade. Segundo publicação da *Folha* de abril de 1977, o clérigo conclamava os moradores para que rogassem a Deus visando livrá-los de “dois grandes males: a divisão da família e a divisão do Estado”. “Não votamos para que façam a infelicidade de nossa família e de nossa gente”, afirmava o arcebispo cuiabano. Ainda segundo a publicação,

¹⁴Folha de S. Paulo, 04 maio 1977, p. 01.

“alguns fiéis agitavam faixas com dizeres contrários ao divórcio e à divisão do Estado”.¹⁵

A *Folha de S. Paulo* deixou claro, em várias matérias, o modo diferenciado com que a notícia sobre a divisão do estado foi recebida por moradores de Cuiabá e Campo Grande. São exemplos os textos publicados na mesma edição e intitulados *Cuiabá recebe a notícia com descontentamento e Campo Grande faz “festa da vitória”*¹⁶. Ainda assim, sugestivas manchetes foram publicadas sobre o tema: *Senador apoia divisão de Mato Grosso*¹⁷, *Divisão de Mato Grosso sairia logo*¹⁸, *Em janeiro de 79, Mato Grosso do Sul e do Norte*¹⁹, *Garcia Neto desconhece divisão*²⁰, *Anunciada divisão de Mato Grosso*²¹ e *Redivisão é necessária*²² são apenas alguns exemplos.

Enquanto notícias davam conta da *Redivisão pronta*²³, ainda que não para 1977, Garcia Neto (último governador do Mato Grosso uno), numa estratégia política, buscava dissuadir a população sobre a efetivação da divisão. Em 28 de janeiro de 1977, declarou em entrevista à *Folha de S. Paulo* que “a divisão territorial de Mato Grosso já não se justifica mais, sendo ideia superada com o progresso atual do País, onde as comunicações rodoviárias e aéreas e os sistemas de telex e de telefone eliminam qualquer isolamento físico”.²⁴ Porém, vale lembrar que o governador enfrentava acusações de nepotismo e mantinha intensa rixa com a imprensa, sobretudo a grande imprensa do eixo Rio-São Paulo (*Garcia Neto ataca a imprensa*²⁵, *Garcia culpa imprensa pela crise*²⁶, *Garcia Neto ataca donos de jornais*²⁷).

¹⁵Folha de S. Paulo, 28 abr. 1977, p. 09.

¹⁶ Folha de S. Paulo, 04 maio 1977.

¹⁷ Folha de S. Paulo, 01 maio 1975.

¹⁸ Folha de S. Paulo, 12 fev. 1977.

¹⁹Folha de S. Paulo, 22 mar. 1977.

²⁰ Folha de S. Paulo, 23 mar.1977.

²¹Folha de S. Paulo, 04 maio 1977.

²²Folha de S. Paulo, 11 out. 1977.

²³Folha de S. Paulo, 09 jan. 1977, p. 03.

²⁴Folha de S. Paulo, 28 jan. 1977, p.04.

²⁵Folha de S. Paulo, 13 jan. 1977, p.07.

²⁶Folha de S. Paulo, 16 jan. 1977, p.08.

²⁷Folha de S. Paulo, 18 jan. 1977, p.06.

A *Folha de S. Paulo* noticiou a sequência de fatos relacionados à criação do Mato Grosso do Sul, produziu e veiculou séries de reportagens, artigos de opinião e charge. Como “o grande jornal da classe média brasileira” (MOTA; CAPELATO, 1981, p. 234) e baluarte paulista, a *Folha* definiu e explicitou o seu posicionamento favorável à divisão, por vezes apontada como uma luta histórica e justa, dada a exploração da região sul pelo norte e a existência de diferenças culturais a distanciá-los, ou como bem sugeriu:

A região sul é desde os tempos coloniais tradicional subsidiária de São Paulo, situação que permanece graças às ligações ferroviárias, sendo de notar que cerca de 10% dos imigrantes identificados em Mato Grosso são paulistas natos.²⁸

Após reunião com o presidente Geisel, o então governador Garcia Neto foi questionado por um repórter da *Folha* a respeito da divisão do Mato Grosso que acabara de lhe ser oficialmente comunicada. “A decisão [do presidente] é política?” questionou o jornalista. Prontamente, Garcia Neto respondeu: “Toda decisão é política”.²⁹

Considerações finais

Como resultado da pesquisa, esperamos ter contribuído para os estudos voltados para a história e atuação política da imprensa escrita brasileira. Procuramos chamar a atenção para o material sobre a divisão do estado de Mato Grosso e a criação do estado de Mato Grosso do Sul veiculado pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Consideramos a posição editorial do jornal e o espaço utilizado para sua veiculação. Observamos a visibilidade conferida à temática e a posição do jornal como favorável à divisão do estado, sem desconsiderar, por um lado, as relações do grupo Folha com o regime militar e, por outro, o fato de a decisão ter partido do governo Geisel, em que pese a importância de considerarmos o sentimento divisionista gestado principalmente pela população do sul do estado, como já demonstrado pela bibliografia. Aliás, estudar a

²⁸Folha de S. Paulo, 29 mar. 1977, p.02.

²⁹Folha de S. Paulo, 04 maio 1977, p.06.

atuação da imprensa escrita mato-grossense (tanto cuiabana quanto campo-grandense, corumbaense ou de outras regiões do estado) no (e para o) “movimento divisionista”, entre as décadas de 1930 e 1970, ainda é uma tarefa para os pesquisadores interessados. Esperamos, portanto, chamar a atenção dos estudantes para a necessidade de pensar a relação entre imprensa escrita, política local, movimento divisionista, divisão do estado de Mato Grosso e criação de Mato Grosso do Sul.

Referências

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso*. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

BITTAR, Marisa. *Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses*. Vol. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRASIL. Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República. A divisão de Mato Grosso. BRASÍLIA – DF, 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp20.htm>. Acesso em: 04 out. 2013.

BUSETTO, Aureo. A mídia brasileira como objeto da história política. In.: SEBRIAN, Raphael N. Nicoletti; PIRES, Ariel José; GANDRA, Edgar Ávila, FRANCO NETO, Fernando. (Orgs). *Dimensões da política na historiografia*. Campinas: Pontes Editora, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERNANDES, Mário Luiz; ANDRADE, Danusa Santana. O jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande, no processo de divisão de Mato Grosso do Sul. In: *Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFOP: Ouro Preto, 2013.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 429 fls. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2001.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. *Topoi*, v.14, n.26, jan./jul. 2013. Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 17 out. 2013.

PIRES, Elaine Muniz. *Imprensa, ditadura e democracia*. 132 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). *Diálogos*, v. 10, n. 02, p. 149-184, 2006. Disponível em: <http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=105&path%5B%5D=pdf_87>. Acesso em: 05 mar. 2014.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Assis, SP, 2010.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEINGARTNER, Alisolete Antônia dos Santos. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.